

**SISTEMA FAEP**



**Mala Direta  
Postal**  
9912288584/2011-DR/PR  
**FAEP**  
CORREIOS

# BOLETIM

INFORMATIVO

**A revista do Sistema**

Ano XXVII n° 1219 - 03/06/2013 a 09/06/2013

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

**AGRONEGÓCIO**

# O EXEMPLO QUE VEM DE ARAPOTI

**Lixo**

.....  
Pesquisas sobre  
os resíduos sólidos

**Reflorestamento**

.....  
Um be-a-bá sobre  
eucaliptos

**Feijão**

.....  
A análise da  
Economista

# Aos Leitores



A passos de tartaruga segue o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Não fosse a agropecuária, nem o magro crescimento de 0,6% no primeiro trimestre deste ano seria alcançado. Ou seja, não fossem os frutos do campo e a economia nacional estaria com os burros n'água. No conjunto da economia brasileira, a agricultura, nos primeiros três meses de 2013, se expandiu 9,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Foi a maior índice desde o segundo trimestre de 1998, quando bateu 13,9%. Na comparação com o mesmo trimestre de 2012, a expansão foi de 17%, a maior da série histórica do IBGE, que tem início em 1996.

É bom também lembrar que esse panorama poderia ser melhor ainda se não tivéssemos grãos a céu aberto ou carrocerias servindo de armazéns, rodovias e ferrovias em petição de miséria, portos sucateados, no cenário de uma logística ilógica. “Sabemos produzir tão bem quanto outros países, mas não temos competitividade quando o produto sai da fazenda. Isso não é nenhuma novidade, já é rótulo do país, o problema é que está demorando a mudar”. Quem diz isso é o gerente da área de avaliação de safras da Conab, Francisco Olavo Batista de Sousa. A Conab é um órgão do governo federal, logo... Nesta edição a principal matéria fala de Arapotí, município assemelhado a dezenas pelo Paraná, com suas surpreendentes e vitoriosas medidas para alavancar a economia.

## Índice

Nota FAEP .....	03
Pesquisa sobre o Lixo .....	04
Logística .....	06
Conjuntura .....	08
Eucaliptos .....	10
Capa .....	12
Mercado de Feijão .....	16
Vazio Sanitário .....	18
Consecana .....	19
Eventos Sindicais .....	20
Via Rápida .....	22

**Fotos:** Eliezer José da Silva, Arquivo FAEP, Fernando Santos, Agência RBS e Divulgação

## Expediente

### FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | [www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br) | [faep@faep.com.br](mailto:faep@faep.com.br)

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | [www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br) | [senarpr@senarpr.org.br](mailto:senarpr@senarpr.org.br)

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon  
**Editor:** Hélio Teixeira | **Redação:** Hemely Cardoso, Katia Santos e Valtemir Soares Jr. |  
**Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.*

# NOTA DE ESCLARECIMENTO

## Contribuição Sindical Rural

A FETAEP – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná divulgou nota em seu site informando que, por decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), não se deve mais levar em conta o tamanho da propriedade para fins de cobrança da Contribuição Sindical Rural.

A mesma nota diz que o Decreto-lei nº 1.166/71 – que dispõe sobre o enquadramento sindical – está defasado e que o tamanho da propriedade baseado na quantidade de módulos rurais não servirá mais de parâmetro para definir o enquadramento.

Como até o momento nem a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) nem a Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) foram intimadas sobre a decisão é absolutamente temerário veicular qualquer notícia sobre o assunto, sob pena de incorrer em equívoco e gerar confusão para os produtores rurais.

De toda forma, resta evidenciado da própria nota que a questão, contudo, ainda não foi objeto de análise pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O próprio STF já se pronunciou em diversas ações sobre a Contribuição Sindical Rural, declarando a legalidade e constitucionalidade do Decreto-lei nº 1.166/71, alterado pela Lei nº 9.701/98. Estes dispositivos legais que estabelecem o enquadramento sindical, assim o definindo:

“Art. 1º – Para efeito da cobrança da contribuição sindical rural prevista nos artigos 149 da Constituição Federal e 578 a 591 da Consolidação das Leis do Trabalho, considera-se:

II – Empresário ou empregador rural:

a – A pessoa física ou jurídica que, tendo empregado, empreende, a qualquer título, atividade econômica rural;

b – Quem, proprietário ou não, e mesmo sem empregado, em regime de economia familiar, explore imóvel rural que lhe absorva toda a força de trabalho e lhe garanta a subsistência e progresso social e econômico em área superior a dois módulos rurais da respectiva região;

c – Os proprietários de mais de um imóvel rural, desde que a soma de suas áreas seja superior a dois módulos rurais da respectiva região”.

De todo o exposto, tão logo seja intimado da decisão, a FAEP tomará as medidas legais que se fizerem necessárias.

Curitiba, 29 de maio de 2013

# O lixo nosso de cada dia

Cada brasileiro produziu 383 quilos de lixo no ano passado



Jaimer Lerner tinha 33 anos quando assumiu, no início da década de 1970, a prefeitura de Curitiba. Levava na cabeça uma frase definitiva: “ninguém segura uma população motivada”. Assim, entre tantas inovações, o urbanista acompanhava suas ideias com uma grife motivadora. Foi o que aconteceu com o “lixo que não é lixo”, quando a capital paranaense lançou a separação dos resíduos sólidos, numa iniciativa pioneira no País.

Enquanto Lerner tentava motivar pela separação do lixo, na mesma época o regime militar preocupado com a sujeira nacional, lançava o personagem “Sugismundo”, um craquento que não dava bola para seu saneamento básico e dos arredores.

Passadas mais de quatro décadas, a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) lançou seu 10º relatório sobre o “Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil”, num desagradável retrato do nosso saneamento básico. A lei federal 12.305 determina que até 2 de agosto do próximo ano todos os municípios brasileiros deverão extinguir os lixões.

## Radiografia

Mas, se olharmos para os números da Abrelpe, ainda será preciso muito trabalho e investimentos. Senão vejamos:

- Em 2012 mais de 3 mil cidades brasileira enviaram quase 24 milhões de toneladas para destinos inadequados. Difícil imaginar essa quantidade? Imagine, então, 168 estádios do Maracanã lotados de lixo. O Maracanã tem cerca de 200 mil m<sup>2</sup>.
- R\$10,06 é o valor médio que as administrações públicas investem por habitante/mês para fazer a coleta de resíduos sólidos e limpeza urbana. Veja no seu carnê do IPTU quando você paga de taxa de limpeza pública?
  - Em 2012 no Brasil foram geradas cerca de 64 milhões de toneladas de resíduos sólidos. Isso significa que cada brasileiro gerou 383 quilos de lixo ano passado.

- Comparando 2011 e 2012 houve um acréscimo de 1,3% na geração de lixo, contra 0,9% de crescimento da população.
- Boa notícia - Das 64 milhões de toneladas de lixo geradas em 2012, 90% foi coletada. O que representa que o serviço de coleta de lixo no Brasil tem melhorado.
- Má notícia - Os brasileiros jogaram na rua, ou em terrenos baldios ou ainda foram parar nos rios 6,2 milhões de toneladas de lixo.
- Apenas 60% dos municípios brasileiros – cerca de 3 mil – têm algum tipo de coleta seletiva. O país tem 5.564 municípios.
- É nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste que estão 74% dos municípios que ainda utilizam lixões para depositar seus resíduos sólidos urbanos.
- Os lixões são considerados pelos especialistas a pior forma de destinação de resíduos.
- A partir de agosto de 2014 esses municípios podem ser enquadrados na Lei de Crimes Ambientais.
- Ao longo de 10 anos de levantamento, a geração de resíduos do país cresceu 21%. O PIB per capita também variou 20,8% nesse período e a população só cresceu 9,65%.
- São Paulo (a cidade mais populosa e com o maior volume concentrado de lixo do país) largou na frente em 2004 instalando a primeira usina de biogás do país no aterro Bandeirantes. Depois, instalou a segunda no aterro São João. Juntos, esses dois aterros (que já não recebem mais lixo) respondem por mais de 2% de toda a energia elétrica consumida na maior cidade do Brasil.
- Os resíduos orgânicos domésticos podem ter muito valor após a compostagem e a vermicompostagem. Depois de passarem por esses processos, os restos de comida, cascas de frutas, papéis etc., podem servir como e nutrientes para as plantas.
- E a solução para a questão do lixo é muito simples: começa em casa com a conscientização de cada cidadão.

## PRODUÇÃO DE LIXO POR REGIÃO E HAB/DIA

**NORTE**  
13,7 mil toneladas/dia  
1,145 quilos por hab/dia

**NORDESTE**  
51,6 mil toneladas/dia  
1,309 quilos por hab/dia

**CENTRO-OESTE**  
16 mil toneladas/dia  
1,251 quilos por hab/dia

**SUDESTE**  
98 mil toneladas/dia  
1,295 quilos por hab/dia

**SUL**  
21 mil toneladas/dia  
0,905 quilos por hab/dia

## ÍNDICE DE ABRANGÊNCIA DA COLETA



# Além dos portos

Problema logístico requer soluções para armazenagem, rodovias e ferrovias



Em S. Francisco de Assis (RS) ginásio de esportes virou armazém de soja

A aprovação da MP dos Portos pelo Congresso permitirá o combate mais eficaz a um dos mais notórios problemas de logística do país. Mas, se outros obstáculos ao transporte, armazenagem e distribuição de mercadorias não forem combatidos de maneira semelhante, a economia continuará sendo onerada pelas ineficiências de infraestrutura e nossas exportações continuarão perdendo competitividade.

As novas regras para o sistema portuário, que estimulam a competição e os investimentos em modernização e aumento de capacidade, poderão propiciar uma melhora expressiva do desempenho dos portos, por onde passam 95% dos bens exportados pelo Brasil.

Parte dos ganhos obtidos com isso, porém, pode ser perdida se não se assegurar aos produtores rotas adequadas para que sua produção chegue aos portos mais depressa e a menor custo – sobretudo, se não lhes for garantida a opção de escolha do complexo portuário por onde escoarão sua produção.

Isso exige, além de portos mais eficientes, mais e melhores rodovias e ferrovias, como planeja o governo. Mas é preciso também que o país conte com mais armazéns e silos – não apenas nos complexos portuários, como imaginam alguns membros do governo, mas em diferentes pontos, para que os produtores não sejam compelidos a transformar os caminhões em armazéns ambulantes. Uma situação que tem ocorrido nos últimos anos nos picos da safra de soja, por falta de condições de armazenagem, com um custo elevado para todos.

Alguns portos, sobretudo das regiões Sul e Sudeste são sobrecarregados em determinadas épocas do ano, com a chegada quase simultânea de grande número de caminhões carregados com soja destinada ao mercado externo, enquanto outros registram capacidade ociosa no mesmo período.

Isso ocorre, como mostrou reportagem do Estado de São Paulo (19/5), porque os produtores não dispõem de meios de transporte adequados para fazer seus produtos chegarem aos portos pouco utilizados.

A malha rodoviária em condições de escoar sua produção os obriga, na prática, a procurar os Portos de Santos e de Paranaguá, por onde passam quase dois terços dos grãos exportados pelo país. Os demais 16 terminais em operação na costa brasileira recebem pouco mais de um terço do total.

Isso leva à formação, nas rodovias de acesso aos dois portos que concentram as exportações, de longas filas de caminhão à espera do momento de transferir suas cargas para os navios.

É uma espera longa, que aumenta os custos. “Em outro país, se um caminhão ficasse parado 30 horas numa fila, o dono da carga imediatamente mandaria o veículo para outro porto”, disse ao Estado o diretor do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento, José Tavares de Araújo Jr. Aqui, não há essa possibilidade.

Para que a economia se beneficie do aumento da competitividade das operações portuárias decorrente das novas regras para o sistema, é necessário assegurar que os usuários possam escolher os operadores, o que significa oferecer-lhes meios adequados para que, a determinado custo,

envie sua produção para o terminal que lhes ofertar os serviços nas condições mais adequadas. Ou seja, é preciso ampliar a malha de transportes, por rodovia, ferrovia ou hidrovia, o que exige a execução eficiente dos planos anunciados pelo governo.

É preciso também que, no seu amplo programa de modernização da infraestrutura logística do país, o governo passe a dar atenção à necessidade de aumento da capacidade de armazenagem de grãos.

De acordo com dados da Conab, os armazéns públicos e privados atualmente em operação têm capacidade de estocar no máximo 145 milhões de toneladas de grãos, menos do que o país tem produzido nas safras recentes.

Por isso, parte da produção é deixada à margem de estradas coberta com lonas e até em ginásios de esportes, como aconteceu no Rio Grande do Sul nesta safra, enquanto os caminhões não chegam. E estes se tornam silos ambulantes, até que, vencidas todas as barreiras, a carga seja transferida para os navios. O país perde muito com isso.

*Publicado em “O Estado de São Paulo” (27.05.2013)*



Burocracia atrapalha até a atracagem de navios nos portos brasileiros

## 190 informações para atracar

O jornal Folha de São Paulo calculou que o comandante de um navio estrangeiro que busque atracar num dos portos brasileiros precisará entregar 190 informações às diferentes autoridades portuárias, entre elas a Receita Federal, Marinha, Anvisa e Polícia Federal. Às vezes, as mesmas informações para todos esses órgãos.

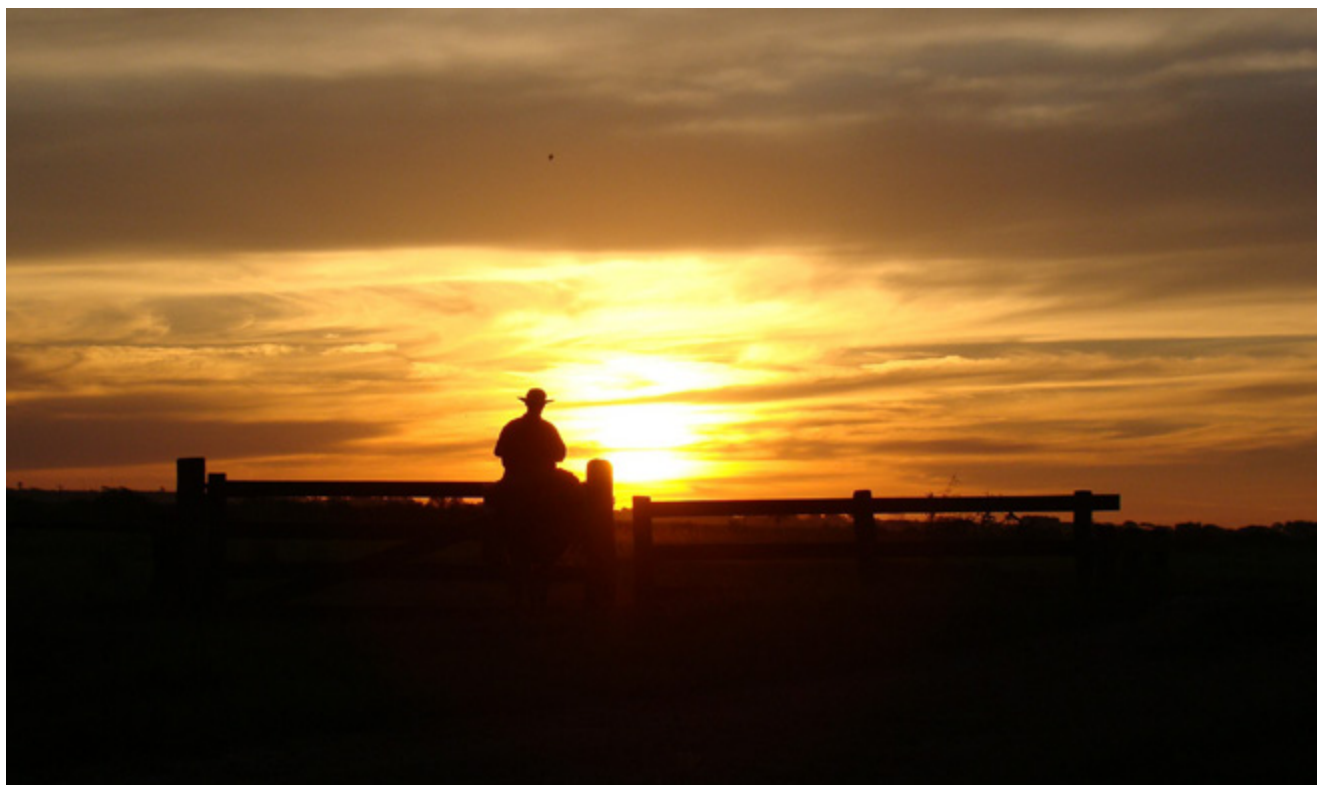
Em abril de 2010, a Secretaria Especial de Portos da Presidência da República criou o “Porto Sem Papel”, programa que deveria aperfeiçoar e desburocratizar o sistema portuário nacional (34 portos). A promessa era concentrar os dados, promovendo a desburocratização dos procedimentos de estadia dos navios nos portos brasileiros, de forma a otimizar os

processos de importação e exportação. Em vez disso, segundo a reportagem da Folha, “dos 13 dias da jornada de um contêiner rumo à exportação, seis são gastos com papelada no porto (o dado é do Banco Mundial). Cingapura, que tem o melhor desempenho nesse ranking, gasta um dia; os Estados Unidos, dois”.

O preço para exportar um contêiner no Brasil é mais do que o dobro do cobrado na Europa: US\$ 2.215 aqui; US\$ 1.028 lá. Nenhum desses problemas foi atacado pela MP dos Portos aprovada no Congresso Nacional. O governo exagerou ao transformar a MP dos Portos na salvação do setor, diz o engenheiro Paulo Resende, professor de logística da Fundação Dom Cabral. “A MP é um marco modernizante porque vai aumentar a concorrência entre portos público e privado. Mas porto é só origem e destino”, diz Resende. Logística, segundo ele, requer abordagem integrada entre porto, rodovia, ferrovia e armazenagem – e isso passou longe da MP.

# De olho no futuro

Evento na Holanda investiga como os produtores estão se preparando para o futuro. E alguns bons exemplos existentes por aqui dão a dimensão do tema



Sua propriedade rural está preparada para o futuro? O questionamento foi feito a 50 agricultores de 18 países em junho do ano passado, num encontro promovido na Holanda pelo Rabobank – um banco de investimentos com forte atuação na área rural. O tema rendeu uma reportagem de capa da última edição da Revista Globo Rural, divulgada no início do mês de maio. O Campo & Cia, programa de rádio da FAEP, pegou carona na ideia e fez a pergunta a alguns produtores paranaenses: afinal, sua propriedade está preparada para o futuro?

As respostas trouxeram um cenário animador – tem muita gente se preparando com bastante antecedência. É o caso do produtor Gibran Thieves Araújo, de Guarapuava, que juntamente com outros dois irmãos tocam quatro propriedades, somando 3 mil hectares de lavouras e pastagem. Eles, que são formados em agronomia, contrataram uma consultoria para transformar as propriedades em empresas rurais e planejar o futuro. “A consultoria nos ajuda a conduzir a sucessão familiar e, através dela, conseguimos fazer um planejamento com a

unificação das áreas. Por exemplo, se um dos irmãos optar por não trabalhar com a terra, ele pode continuar participando do negócio e não efetivamente da atividade”, explica.

O herdeiro de Gibran tem apenas um ano, mas o caminho já está sendo pavimentado para ele e para os primos. A estratégia dos Araújo foi tratar o mais cedo possível deste planejamento, porque adiar as coisas só aumentaria a complexidade do problema. “Sabemos que somos uma minoria que pensa antecipadamente, pois a sucessão familiar é realmente um assunto difícil, já que envolve a delegação de pai para filhos e netos. Então, a gente tem que antecipar isso para manter a união da família e o negócio fortalecido”, conta.

Assim como o seu colega de Guarapuava, o produtor Renato Martini, 41 anos, de Cascavel, toca uma propriedade de 415 hectares herdada dos pais em sociedade com outros cinco irmãos. Ao invés de fazer a partilha da fazenda, eles preferiram manter a união do trabalho. Renato se diz otimista com o futuro na agricultura, no que depender da capacidade da atuação familiar para projetar as ações que garantirão o





## “Atrair os jovens empreendedores”

O brasileiro Berry Martin é filho de um fazendeiro do interior de São Paulo e responsável global de agronegócio no conselho de gestão do Rabobank International, criado em 1989, na Holanda, como uma cooperativa bancária de produtores agrícolas. Hoje, a instituição financeira está presente em 47 países, com ativos da ordem de R\$ 731,7 bilhões, dos quais, no ano passado R\$ 88 bilhões estavam em carteiras de agronegócio. Numa entrevista à revista “Globo Rural”, ele disse que o Brasil precisa cuidar de sua imagem e que seu principal problema é a falta de mão de obra qualificada. “Logística, com

negócio ao longo do tempo.

O diferencial da produção dos Martini está no método que utilizam para cuidar do solo. Toda a propriedade é dividida em talhões, visando a identificação exata das áreas mais e menos produtivas. Além disso, a amostra do solo é recolhida uma vez por ano para ser analisada. O método garante uma boa produtividade nas lavouras de soja dos irmãos: uma média de 65 sacas por hectare. “Vamos continuar investindo, trabalhando juntos e agregando novas tecnologias a nossa produção”, diz.

## Fazenda, uma paixão

Na reunião dos 50 produtores na Holanda, os temas que ganharam relevância foram: a sucessão familiar, a sustentabilidade, a responsabilidade social, a integração na cadeia produtiva e a comunicação.

A sucessão familiar é o tema mais discutido e há uma tendência de longo prazo observada nos países desenvolvidos é o envelhecimento dos produtores rurais. A cada 20 anos o

dinheiro, se resolve em cinco anos”, diz Martin. “Mas formar pessoas leva uma geração.”

### – É possível reverter esse quadro?

*Martin* – A única solução é a busca por maior produtividade. Estimativas indicam que, dos 15% de áreas aráveis ainda disponíveis no mundo, 7,5% estão na África, o que reforça o potencial agrícola desse continente. Mas, por outro lado, todo ano perdemos 1% de terra para a urbanização. A economia atual mostra que o produtor rural está numa fase de escassez dos meios de produção. A solução é incentivar jovens inovadores a ir para o campo. Nós precisamos ampliar o uso de tecnologia para aumentar a produtividade no campo em 2% ao ano. Quem fará isso são as pessoas que querem inovar.

### – Como atrair pessoas inovadoras para o campo?

*Martin* – O jovem tem de descobrir que administrar uma empresa rural é tão interessante quanto administrar uma companhia de qualquer outra área. Os agricultores devem passar essa informação para a sociedade, mas antes terão de transformar a fazenda em um bem-sucedido empreendimento rural. A empresa rural está ficando mais complexa, com mais riscos e necessitando mais investimentos. Essa empresa também deverá ter uma visão internacional, pois o que acontece na China já provoca reflexo direto na vida dos fazendeiros brasileiros. O campo tem de se mostrar mais atrativo aos jovens.

Há preocupação no mundo com o futuro do agronegócio. E não é para menos, pois estima-se que o setor terá de dar conta de alimentar 9 bilhões de pessoas em 2050, segundo a FAO, enfrentando escassez de recursos como terra e água. Conseqüentemente a produtividade terá que aumentar e muito. Esta é uma das conclusões tiradas no encontro da Holanda, onde 50 agricultores discutiram o futuro do agronegócio mundial, e está relatada no livro “O Futuro do Campo, Ascensão do Empresário Rural”.

número de pessoas que dependem de um agricultor dobra. Nos Estados Unidos, para cada sete agricultores com mais de 75 anos, há apenas um agricultor com menos de 25 anos.

É comum que os filhos dos agricultores não queiram atuar numa atividade cada vez mais complexa, que requer trabalho pesado e de alto risco, para depois partilhar os dividendos da propriedade com os irmãos que trabalham na cidade. Outro problema é que normalmente a fazenda é uma paixão, e o fundador do negócio resiste em passar o bastão adiante.

# Eucalipto: Faça a escolha certa

SENAR-PR atualiza conteúdo do curso de Cultivo de Eucalipto

Por Katia Santos

Em parceria com a Embrapa Florestas, o SENAR-PR atualizou o conteúdo do curso Trabalhador em Reflorestamento (matas homogêneas) - cultivo de eucalipto. São sete temas: escolha das espécies; implantação e manejo; nutrição e adubação; doenças e pragas de eucalipto; manejo de plantações florestais – desrama e desbaste; aspectos econômicos para o cultivo de eucalipto e tecnologia industrial e tratamento madeira.

O treinamento ocorreu nos dias 22, 23 e 24 de maio com a participação de 20 instrutores e técnicos do SENAR-PR, além dos pesquisadores da Embrapa. Durante a qualificação, foram ministradas aulas teóricas e os participantes profissionais ainda do Dia de Campo na Fazenda Cambiju, em Ponta Grossa. A propriedade tem seis mil hectares, dos quais três mil destinados ao plantio de pinus e 320 ha ao eucalipto, sendo considerada modelo em reflorestamento. Segundo o engen-

heiro florestal e técnico do SENAR-PR, Néder Maciel Corso, “a escolha da espécie de eucalipto a plantar é fundamental para que o produtor obtenha sucesso nessa cultura. Se ele errar nessa fase o restante das ações fica comprometido. Por isso, estendemos o conteúdo do curso para que o produtor seja bem orientado. É nessa etapa que ele precisa definir também qual será o destino da sua produção – para energia; para a indústria de papel e celulose ou para serraria”.

Corso destaca que boas informações proporcionam ao produtor a melhor escolha da espécie (veja tabela). “Ele precisa estar atento para o grau de resistência da planta em baixas temperaturas, pois árvores de espécies sem tolerância podem ser queimadas pela geada. No Paraná o frio é o que mais limita a escolha da espécie de eucalipto mais adequada”, completa.



Indicações de espécies do gênero *Eucalyptus* de acordo com características de solo, clima e uso da madeira.

Espécie (Eucalipto)	Tipo de Solo	Estresse Hídrico	Tolerância e Geada	Serraria	Energia	Papel e Celulose
<i>E. grandis</i>	argiloso/textura média/arenoso	moderado	baixa	X	X	X
<i>E. dunnii</i>	argiloso/textura média	suscetível	média		X	X
<i>E. benthamii</i>	argiloso/textura média	suscetível	alta		X	X
<i>E. urophylla</i>	argiloso/textura média/arenoso	resistente	baixa	X	X	X
<i>E. urograndis</i>	argiloso/textura média/arenoso	moderado	baixa	X	X	X
<i>E. saligna</i>	argiloso/textura média	suscetível	baixa	X	X	X
<i>E. citriodora</i>	argiloso/textura média/arenoso	resistente	baixa	X	X	
<i>E. calmadulensis</i>	textura média/arenoso	resistente	média		X	X

## Pragas e rentabilidade

Outros dois temas - doenças e pragas e aspectos econômicos – são também importante no cultivo e foram detalhados no treinamento. As maiores ameaças ao cultivo de eucalipto no Paraná são as formigas (saúvas e quenquês) e a vespa da galha (*Leptocybe invasa*), enquanto em outras regiões do país, além das duas pragas, há o desafio de se combater o percevejo bronzeado (*Thaumastocoris peregrinus*). Os primeiros registros em plantações de eucalipto no Brasil da vespa da galha e do percevejo bronzeado ocorreram em 2008 e, desde então, são objeto de estudos pelos pesquisadores da Embrapa Florestas.

No terceiro tema – aspectos econômicos para o cultivo de eucalipto – os instrutores foram orientados a aprofundar a questão da gestão financeira da cultura. Foram incluídas na cartilha do curso do SENAR-PR duas tabelas: uma simplificada e outra que descreve todos os custos envolvidos no plantio de um hectare de eucalipto. “O produtor precisa estar consciente de que no primeiro e segundo anos ele terá saídas de capital e só a partir do sexto ano é que a cultura começará a dar retorno financeiro”, finaliza.

## Variedades clonadas

O instrutor Emerson Massoqueto Batista, da região de São Mateus do Sul, apontou que a maior dificuldade do produtor que resolve investir no cultivo de eucalipto é a escolha das variedades e a adubação. “Nas regiões Centro-sul e Sul do Paraná há bem pouco tempo não tínhamos espécies adaptadas ao clima. Agora existem variedades clonadas que apresentam bons resultados, mas ainda é o maior desafio”.

Ele ressaltou também a importância da atualização do conteúdo do curso “que permite receber novos dados provenientes das pesquisas e temos a oportunidade de trocar informações com os instrutores de outras regiões do estado, onde as condições de plantio e dificuldades enfrentadas são diferentes”, completa.

## A escolha certa

Para os pesquisadores da Embrapa Paulo Eduardo Telles dos Santos e Estefano Paludzyszyn Filho, responsáveis pelo módulo “Silvicultura de Eucalipto – escolha de espécies”, o eucalipto é a árvore com maior disponibilidade de indicações e orientações técnicas para cultivo. “A produtividade, contudo, depende de diversos fatores, dentre os quais se destacam o local de plantio, os tratamentos culturais e os insumos disponibilizados”, afirmou Telles.

“A partir do eucalipto pode-se produzir biomassa para energia, madeira para uso único ou múltiplo, além do uso alternativo como agente na recuperação de solos e na recomposição de áreas de reserva legal, este com plano de manejo”, informou Paludzyszyn. Os aspectos técnicos mais importantes, segundo ele, antes de decidir sobre investir ou não em plantios de eucaliptos ou corímbias, são: clima, solo, dimensão da área, sistema de cultivo, a principal finalidade de uso e o sistema de colheita, dentre outros.

Na escolha da destinação de um reflorestamento de eucaliptos deve ser levado em conta, além dos aspectos técnicos, o mercado. Assim, é conveniente para o produtor avaliar sua opção ouvindo os instrutores do SENAR-PR e um engenheiro florestal ou agrônomo. Quem arrisca, lembre-se, não petisca.

# Do tropeirismo ao agronegócio

O sucesso de Arapoti vem da diversidade de sua gente e da sua produção

Por Valtemir Soares Jr.



Mais de 90% dos 399 municípios paranaenses têm suas economias, direta ou indiretamente, dependentes da agropecuária. Os resultados das colheitas se refletem no andamento dos negócios do comércio, dos serviços e mesmo dos serviços públicos. Alguns dos pequenos municípios enxergaram nessa dependência a fórmula para buscar e concretizar dividendos econômicos e sociais.

É o caso de Arapoti, com 25 mil habitantes, na fronteira dos Campos Gerais com o Norte Pioneiro, a 250 quilômetros de Curitiba, onde ocorreu a transformação dos “campos floridos” (significado de Arapoti em tupi-guarani) de parada de tropeiros a polo do agronegócio. Só para se ter uma ideia, o município tem 70% da sua arrecadação de impostos no setor agropecuário e conta com indicadores sociais importantes: o índice de desenvolvimento humano (IDH) é maior do que a média nacional – respectivamente 0,761 e 0,699 –, tem 70% das ruas asfaltadas e 100% das casas na área urbana com água tratada. Só o valor bruto da produção agropecuária em

2011, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral), foi de R\$ 312 milhões.

“O agronegócio é o carro chefe do nosso desenvolvimento”, destaca o prefeito Braz Rizzi, ele mesmo um exemplo da importância do setor rural para na região. Nascido no município vizinho de São João da Boa Vista e ter vivido em outra cidade da região, Rizzi está há 20 anos em Arapoti e possui uma área de 1.100 hectares, onde produz soja, milho e trigo.

Esse desempenho pode ser creditado, primeiramente, à diversidade da sua gente, que, além de brasileiros vindos do Sudeste e do Sul, foi formada por alemães, espanhóis, poloneses e holandeses. E depois da sua matriz produtiva rural, que abriga múltiplas atividades, como sojicultura, milhocultura, triticultura, cafeicultura, fruticultura, silvicultura, apicultura, bovinocultura de leite e de corte, suinocultura e sericicultura. “Não temos um pouco de tudo, mas de tudo um pouco porque é uma agropecuária diversificada e produtiva”, destaca Ismael de Oliveira, assessor do Sindicato Rural de Arapoti.

## Sindicato em ação



Osmarini: pela representatividade e apoio aos produtores

Assim, as mudanças tecnológicas e conjunturais permitiram que a agropecuária se desenvolvesse e atingisse níveis surpreendentes. A média diária dos produtores de leite com gado holandês que era de 400 litros com 20 vacas lactando saltou, com o mesmo número de animais, em até 900 l/dia. No caso do milho, os produtores de Arapoti têm médias iguais ou superiores aos mais tecnificados agricultores do Corn Belt (região norte-americana especializada na milhocultura) com médias entre 10 e 11 mil quilos por hectare. E na soja a produtividade média varia entre 3,5 a 4 mil kg/ha.

Junto com os avanços, porém, vieram novos desafios e, atualmente, os produtores das diferentes atividades precisam lidar com temas como manejo de solo, conservação ambiental, controle sanitário, além de questões de comercialização e logística. Nesse contexto, o Sindicato Rural de Arapoti tem exercido um papel aglutinador de todos os agentes ligados ao agronegócio, a fim de enfrentar os problemas. No grupo estão as Secretarias Municipais de Agricultura, Meio Ambiente, Educação e Saúde, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Emater, Cooperativa Agroindustrial (Capal), Vigilância Sanitária, Colégio Agrícola de Arapoti, empresas privadas e as distintas associações de produtores. “Remodelamos o jeito de atuar, pois o sindicato viveu momentos bem fora de sua missão. E temos como ideia central representar os produtores e ajudá-los em suas atividades”, explica Dirceu Antônio Osmarini, reeleito recentemente para a terceira gestão como presidente do sindicato.

Para alcançar seu objetivo, o sindicato inicialmente radiografou os 87,3 mil ha cultivados do município visitando uma a uma as mais de 600 propriedades da zona rural, a fim de traçar ações direcionadas para cada segmento. Assim, a partir desse levantamento, foi possível descobrir deficiências técnicas dos produtores, que estavam causando problemas epidêmicos nos rebanhos, a volta da erosão em terras mecanizadas e até contaminação de lotes de soja colhida. Segundo Osmarini,

foi possível ainda descobrir algumas surpresas, como a atividade recente da sericicultura ou persistência da tradicional cafeicultura na parte Norte do município mesmo sendo uma área fora da zona climática recomendada pelo Ministério da Agricultura.

## CSA atuante

Como resultado prático desse trabalho, foi detectada a necessidade de ações conjuntas de diferentes órgãos públicos e entidades do setor rural, originando a formação de câmaras técnicas de discussão e aplicação de medidas corretivas. A primeira ser instalada foi o Conselho de Sanidade Animal e Agrícola (CSA), que há quatro anos vem atuando junto aos pecuaristas no combate à tuberculose, brucelose e até da raiva transmitida por morcegos hematófagos. “Foi constatado que a incidência dessas enfermidades estava relacionada à falta de assistência técnica junto aos produtores”, conta Osmarini, lembrando que o município não contava com veterinário para atendimento gratuito e nem laboratório para análise sanguínea animal. “Uma situação corrigida pela ação do CSA, que sensibilizou a prefeitura na montagem dessa estrutura”.

Atualmente, 90% do rebanho de Arapoti tem cobertura e isso se deve a ação do CSA, que somente no ano passado subsidiou 460 doses contra brucelose e propiciou 160 exames sanguíneos para detecção da tuberculose. Segundo Osmarini, as visitas do veterinário são gratuitas e, no caso dos outros procedimentos, os produtores acabam arcando somente com 10% do valor total. Além disso, o conselho implantou um programa de controle e acompanhamento animal com a distribuição de 2 mil brincos identificadores, que permitem registrar vários dados de cada cabeça na propriedade.

Na parte vegetal, o CSA vem agindo principalmente na conscientização dos agricultores sobre a necessidade de se fazer o vazio sanitário para combater a ferrugem da soja, inclusive com campanhas de orientação direcionadas aos caminhoneiros para que as carrocerias dos seus veículos



Bianchini é um dos produtores beneficiados pela ação do CSA

estejam com boa manutenção e evitem o derrame de grãos durante o transporte da safra. Outra frente tem sido o combate da adição de sementes tratadas à soja colhida, já que nos últimos dois anos foram registrados casos de lotes de até 200 mil toneladas contaminados que precisaram ser descartados.

## Desenvolvimento rural

Outro conselho bastante ativo é o de Desenvolvimento Rural, que vem planejando o futuro da agropecuária de Arapoti. Entre os temas em debate estão a viabilidade de outras atividades, como a piscicultura e ovinocultura, e o programa de microbacias, já que o plantio direto não está sendo mais eficiente no combate da erosão.

Além disso, o sindicato também tem atuado muito junto à nova geração com o Programa Agrinho, que já atendeu os 5 mil alunos do município com ações socioeducativas, e constante parceria com o SENAR-PR para capacitação técnica dos produtores. “Com esse foco, conseguimos uma vitória de juntar todos os setores a fim de encontrar soluções para o produtor. E, para futuro, queremos seguir nessa linha da ênfase institucional e da defesa do setor rural”, salienta Osmarini.

## Resultados no campo

Todo esse esforço já reflete dentro das propriedades rurais do município e um exemplo disso é o pecuarista leiteiro Dirceu Bianchini, remanescente de uma das 400 famílias lindeiras do lago de Itaipu assentadas em Arapoti no final dos anos 70. Em sua propriedade de 4,5 ha, o produtor cria no sistema de semi-confinamento 38 cabeças de gado jersey e há três anos está sob o acompanhamento do CSA, além de participar de todos os cursos de gado leiteiro promovidos pelo SENAR-PR e Sindicato Rural. “Hoje, eu posso dizer que ficaria muito difícil tocar a atividade sem o apoio da assistência por causa dos custos”, avalia.

Os resultados do trabalho realizado, segundo Bianchini, já aparecem na ponta do lápis. Ele conta que sua média diária era de 180 litros e, hoje, com 15 vacas em ordenha, ela já alcança 300 l/dia, além de obter uma melhora da qualidade do leite entregue à Capal, com reflexo direto na remuneração: o preço recebido subiu de R\$ 0,80 para R\$ 1,06. “Nossa sobrevivência vem do leite e a atuação do conselho e dos técnicos do SENAR-PR tem ajudado a produtividade”, diz, lembrando que no início sua melhor vaca alcançava 17 l/dia e, hoje, a melhor chega a 35 l/dia.

Agora o produtor está sendo preparado para virar referência para outros pecuaristas. Um projeto conjunto do SENAR-PR e do Sindicato Rural vai organizar a propriedade



Estação ferroviária deu origem a Arapoti

de Bianchini para ser modelo e transferir técnicas nas áreas de inseminação artificial, conformação de vacas leiteiras, manejo, ordenha e qualidade do leite. “Como pequeno fica difícil ampliar rebanho, mas com melhoria genética e outras técnicas a gente pode ganhar na quantidade e na qualidade”, avalia.

## Presença estrangeira

Mas todo esse desenvolvimento teve uma longa história. Até a primeira década do século 20, Arapoti era ponto de passagem de comitivas de animais num cenário de estepes dominadas pelo capim mimoso – forrageira natural de fibra dura e só aceita pelas criações quando novo – e cercada por umas poucas e extensas fazendas de gado crioulo.

Em 1910, a empresa norte-americana Southern Brazil Lumber & Colonization Company, famosa por ser um dos motivos da Guerra do Contestado ao receber em doação imensos pinheirais na divisa do Paraná-Santa Catarina, havia instalado uma fábrica de papel. Também nos Campos Gerais, os espertos americanos dedicavam-se à exploração das abundantes ilhas de araucária da região, mas sem gerar aglomeração populacional, a não ser no entorno da planta industrial com a vila dos funcionários.



Quando a extinta Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPRSC) anuncia, em 1912, que faria o Ramal Ferroviário Paranapanema, ligando Jaguariaíva a Ourinhos (SP), via Tomazina, um fazendeiro da região proíbe a passagem dos trilhos em sua propriedade e o traçado da ferrovia muda para Wenceslau Braz, bem como a posição das paradas. Naquela época, as locomotivas a vapor precisavam ser reabastecidas com água a cada 20 quilômetros, o que provocou a construção de uma estação na localidade de Cachoeirinha. Mais tarde, a sua volta, surgiriam umas poucas edificações que vão dar origem a Arapoti.

Em 1919, a fábrica de papel é vendida a um grupo alemão e o ciclo extrativista da madeira é intensificado, marcando a chegada dos primeiros imigrantes europeus – alemães e poloneses – à região. Nos anos 40, com a explosão a cafeicultura no Norte Pioneiro é a vez de alguns grupos de espanhóis se fixarem por ali também, misturando-se aos tropeiros vindos do Sul e caminhoneiros dos Campos Gerais. Já em 1960, quando Arapoti não tinha mais do que 50 residências e já era município, iria acontecer o grande impulso a sua transformação: a chegada dos imigrantes holandeses, que mudam as bases produtivas com seu modelo baseado em educação, cooperativismo e fé (veja box).

## Capal expande negócios

A Capal Cooperativa Agroindustrial, de Arapoti, está vivendo uma fase de expansão de seus negócios e deve investir entre este ano e o próximo cerca de R\$ 85 milhões em projetos próprios e em parceria com outras cooperativas do Grupo ABC. Além disso, a empresa também está tirando do papel o plano de ampliar sua área com atuação no Norte do Paraná e Sul de São Paulo.

O maior projeto em curso é a construção da nova fábrica de ração paletizada, que começa sua primeira fase em setembro próximo com um aporte de R\$ 30 milhões. A unidade inicialmente terá capacidade de produção de 300 mil toneladas ano, que se somarão às 120 t da atual fábrica, e deve gerar 60 empregos diretos e mais de 1.600 indiretos. “A nova fábrica é uma necessidade de atender o crescimento da suinocultura em nossa região, já que o frigorífico que estamos construindo junto com a Castrolanda e Batavo vai exigir o aumento do plantel”, explica Adilson Roberto Fuga, superintendente da Capal, lembrando que só em Arapoti as granjas passarão de 8 para 16 mil matrizes.

Além disso, a cooperativa aproveita sua experiência para ampliar sua atuação rumo ao interior de São Paulo, principalmente em Itararé, Taquarivaí e Taquarituba. “É uma região de 50 mil hectares propícios à produção de grãos e que não contava com uma cooperativa”, explica Fuga. Assim, a Capal está investindo em unidades de recebimento e armazenagem de grãos e, com um investimento de R\$ 30 milhões, vai instalar uma sementeira com capacidade de 700 mil sacas em Taquarituba. Outra frente de expansão é o Norte paranaense para atender desde cafeicultores a pequenos produtores de leite.

Fruto do trinômio “educação, igreja e cooperativismo” trazido pelos imigrantes holandeses, a Capal foi fundada em 1960 e, depois de ter vivido uma crise financeira em 1995, vem cada vez mais se fortalecendo. No ano passado, o faturamento foi de R\$ 570 milhões e as projeções são de R\$ 710 milhões neste ano e de R\$ 1 bilhão para 2014. Atualmente conta com 1343 cooperados e gera 400 empregos diretos e 8 mil indiretos.



# Boas perspectivas de preço para o feijão

Produção abaixo do consumo nacional e inferior à safra 2011/12 mantém preços do feijão elevado na safra 2012/13 com pequenas variações em função da colheita da 2ª safra

Por Tania M. Moreira, economista do DTE/FAEP

## Produção

A produção brasileira de feijão nesta safra deve encerrar o ano ainda menor que a produção da safra passada, que foi afetada pela estiagem em importantes estados produtores como o Paraná. Segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) a produção total de feijão da safra 2012/13 deve totalizar 2,8 milhões de toneladas ou 2,1% menor que a safra 2011/12, que já foi 13% inferior à média de produção nacional dos últimos anos.

A 1ª safra deve encerrar a produção com redução

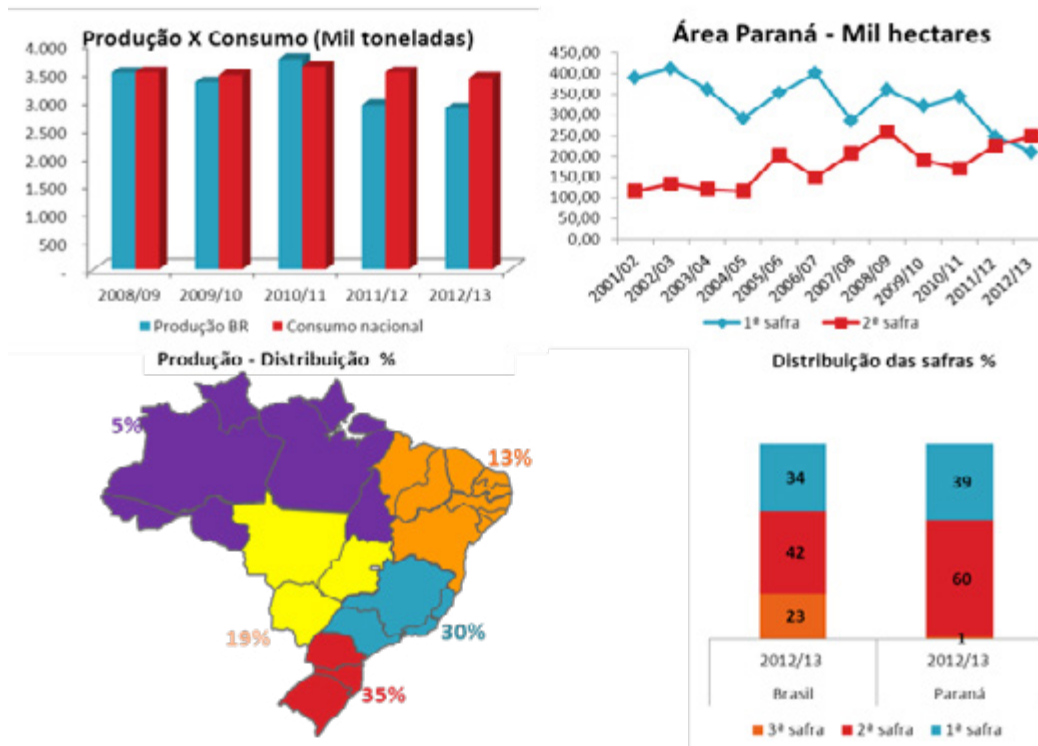
de 20,3% devido à redução de área de 9,6%, motivada principalmente, pelo interesse no cultivo de soja e milho, com perspectivas de preços mais estáveis que as perspectivas de preços para o feijão nas últimas safras.

Na 2ª safra, que responderá por 43% do abastecimento nacional, apesar da redução de área (8,5%) a produção deve crescer 13,9% com elevada produtividade nas lavouras do Sul do país.

No Paraná, estado líder na produção, a área da 1ª safra teve redução de 15,5% totalizando uma produção 14% menor. Já na 2ª safra, com média de preços maiores que em

2012, a área aumentou 10%, segundo a Conab, o que deve totalizar uma produção 41% maior. A ampliação da área da 2ª safra foi uma tendência na safra 2011/12 e 2012/13 tendo como estímulo bons preços.

Mesmo com uma produção nacional maior na 2ª safra, o total da produção deve ficar abaixo das estimativas de consumo (3,4 milhões de toneladas), proporcionando médias de preços até maiores que em 2012.



Fontes: SEAB, CONAB, EMBRAPA / Elaboração: DTE-FAEP

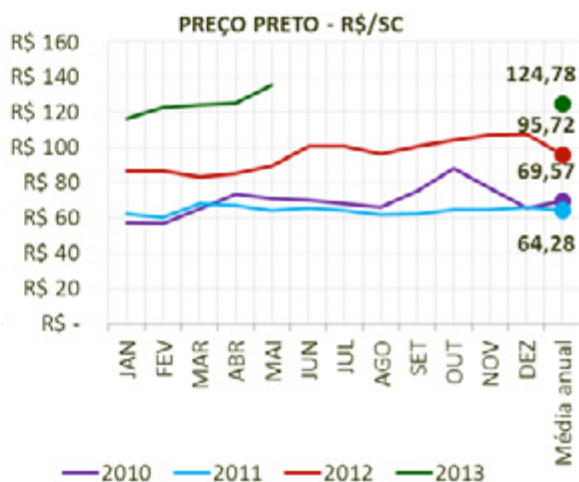
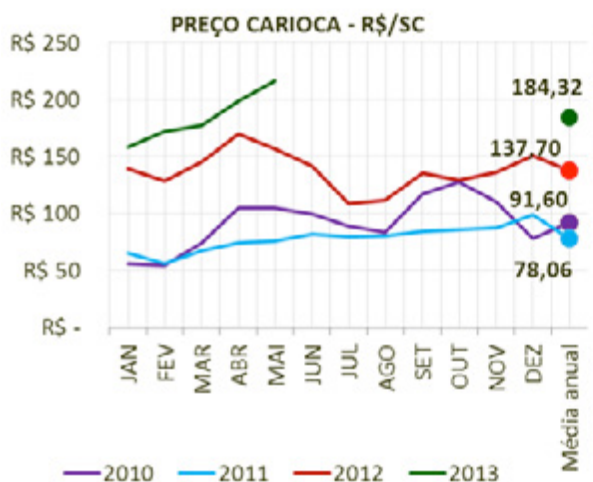


## Preços e Comercialização

No Paraná a comercialização da 1ª safra está praticamente encerrada, tendo sido realizada com preços médios recebidos pelos produtores de R\$ 176,40 por saca para o feijão carioca e R\$ 122,08 por saca para o feijão preto, acima da média de 2012 para o mesmo período segundo dados da Seab.

Com a intensidade da comercialização da 2ª safra no Paraná os preços podem recuar com a maior disponibilidade do produto, porém devem se manter acima dos preços recebidos em 2012, devido a menor oferta nacional. De acordo com a Seab, a 2ª safra segue com percentual de comercialização de 40%. A ocorrência de chuvas nas últimas semanas pode atrapalhar o andamento da colheita afetando a disponibilidade do produto e elevando os preços.

Segundo levantamentos da consultoria Safras e Mercados o preço do feijão carioca no Paraná na semana 27 a 31/05, chegou a R\$ 198,00/sc, em São Paulo R\$ 183,00/sc e em Minas Gerais R\$ 223,00/sc.



Fontes: SEAB, CONAB, EMBRAPA / Elaboração: DTE-FAEP

## Custos de Produção e Rentabilidade

Se por um lado os preços estão melhores nesta safra, em comparação as demais, os custos também estão mais elevados e crescentes fazendo com que boas perspectivas de preços sejam cada vez mais consideráveis para decisão do aumento de área no Estado.



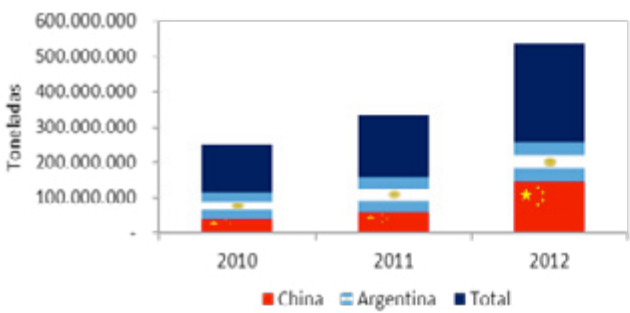
Fontes: SEAB, CONAB, EMBRAPA / Elaboração: DTE-FAEP

A variação de preço nas últimas safras, anteriores a 2012, com comercialização difícil devido aos baixos preços e elevados custos, motivaram reduções de área no estado.

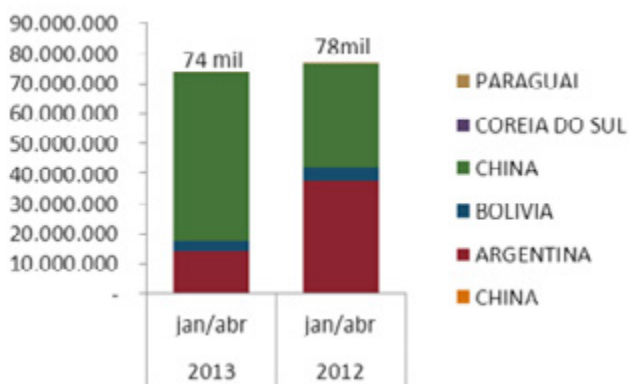


## Importações feijão Preto

São cada vez maiores as importações de feijão preto pelo Brasil. Em 2012 foram importadas 276 mil toneladas de feijão preto com acréscimo de 60% sobre a quantidade importada em 2011. Em 2012, China (52%) e Argentina (40%) foram os principais países de origem do produto.



Fontes: MIDC/ Elaboração: DTE-FAEP



Fontes: MIDC/ Elaboração: DTE-FAEP

De janeiro a abril de 2013 já foram importadas 74 mil toneladas de feijão preto provenientes principalmente da China (75%). Em relação ao mesmo período do ano passado as importações chinesas já são 61% maiores. No total (China, Argentina, Bolívia e outros) as importações brasileiras de feijão preto até abril são 6% inferiores ao mesmo período de 2012, considerando maior valor do dólar.

## Informe

### Começa no dia 15 de junho o vazio sanitário

Entre 15 de junho e 15 de setembro vigora o vazio sanitário para o plantio de soja. Neste período os produtores não devem plantar e nem manter restos de culturas em lavouras, estradas e carreadores. Qualquer planta remanescente (soja tiguera) deve ser eliminada, segundo orientação da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar).

A engenheira agrônoma Maria Sílvia Digiovani, da FAEP, lembra que o desrespeito à medida gera multa, conforme prevê a Resolução Estadual de 13 de novembro de 1995, além de processo civil e criminal. “O produtor que não respeitar o prazo, poderá ter a sua propriedade interdita e o financiamento bancário bloqueado”, orienta.

O vazio sanitário visa reduzir a proliferação de doenças, especialmente a ferrugem asiática. Na vigência da medida, os fiscais da Defesa Sanitária Vegetal percorrerão propriedades, estradas e empresas que armazenam ou transportam a soja, para evitar que plantas remanescentes sejam hospedeiras do fungo.

# Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná - CONSECANA-PARANÁ

## RESOLUÇÃO Nº 03 - SAFRA 2013/2014

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 28 de maio de 2013 na sede da Faep, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em maio de 2013 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2013/2014, que passam a vigorar a partir de 01 de Junho de 2013. Os preços médios do Kg do ATR, por produto, obtidos no mês de maio de 2013 conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

### PREÇO DO ATR REALIZADO EM MAIO/2014 | SAFRA 2013/2014 - PREÇOS EM REAIS À VISTA

#### PREÇO DOS PRODUTOS - PVU - SEM IMPOSTOS

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,41%	37,79	1,54%	39,77
AME	41,35%	40,59	33,53%	40,73
EAC - ME	5,70%	1.356,65	4,39%	1.356,65
EAC - MI	19,14%	1.375,02	21,76%	1.383,06
EA-of	0,14%	1.404,35	0,14%	1.398,27
EHC - ME	-	-	-	-
EHC - MI	31,72%	1.163,26	38,09%	1.199,44
EH-of	0,53%	1.196,12	0,54%	1.226,47
Obs: 1) EAC - ME+MI+of	24,98%	1.371,00	26,29%	1.378,74
EHC - ME+MI+of	32,25%	1.163,80	38,63%	1.199,82

#### PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,41%	0,4285	1,54%	0,4509
AME	41,35%	0,4621	33,53%	0,4637
EAC - ME	5,70%	0,4773	4,39%	0,4773
EAC - MI	19,14%	0,4838	21,76%	0,4866
EA-of	0,14%	0,4941	0,14%	0,4919
EHC - ME	-	-	-	-
EHC - MI	31,72%	0,4271	38,09%	0,4404
EH-of	0,53%	0,4392	0,54%	0,4503
Média		0,4555		0,4602
Obs: 1) EAC - ME+MI+of	24,98%	0,4823	26,29%	0,4851
EHC - ME+MI+of	32,25%	0,4273	38,63%	0,4405

### PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO ESTADO DO PARANÁ - SAFRA 2013/2014 - PREÇOS EM REAIS À VISTA

#### PREÇO DOS PRODUTOS - PVU - SEM IMPOSTOS

Produtos	MIX	Média
AMI	0,84%	39,52
AME	55,41%	40,02
EAC - ME	1,03%	1.307,52
EAC - MI	13,15%	1.268,50
EA-of	0,02%	1.398,27
EHC - ME	1,97%	1.115,77
EHC - MI	27,52%	1.088,22
EH-of	0,07%	1.226,47

#### PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	MIX	Média
AMI	0,84%	0,4482
AME	55,41%	0,4556
EAC - ME	1,03%	0,4600
EAC - MI	13,15%	0,4463
EA-of	0,02%	0,4919
EHC - ME	1,97%	0,4097
EHC - MI	27,52%	0,3996
EH-of	0,07%	0,4503
Média		0,4381

#### PREÇO FINAL DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	47,84	53,43
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	47,84	53,43

Curitiba, 28 de maio de 2013

PAULO ROBERTO MISQUEVIS | Presidente  
ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO | Vice-Presidente

## REALEZA



## Manejo e ordenha

Para ensinar corretamente as principais práticas de manejo envolvidas na atividade leiteira, foi realizado no período de 8 a 12 de abril, no Sindicato Rural de Realeza, o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite - manejo e ordenha, com o instrutor Marcelo Zatta. O curso foi promovido em parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Os participantes foram produtores e filhos de produtores rurais.

## SÃO JOÃO



## JAA

Os alunos do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), sob a coordenação da instrutora Marcia Fernanda Franquin, realizaram no dia 3 de maio um pedágio de conscientização, distribuindo mudas de árvores no centro de São João. Os jovens conversaram com a população sobre a importância da preservação do meio ambiente e do plantio de árvores. A ação teve o objetivo de arrecadar fundos para uma viagem técnica para as Cataratas do Iguaçu e Hidrelétrica Binacional Itaipu, que aconteceu no dia 17 de maio, com as duas turmas de Vila Paraíso e de São João.

## MEDIANEIRA



## Colhedoras automotrizes

O Sindicato Rural de Medianeira, em parceria com a empresa Equagrill, ofereceu o curso de Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes - New Holland - básico em New Holland. As aulas aconteceram nos dias 2 e 3 de maio para um grupo de 13 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Alcione Ristof.

## CAMPINA DA LAGOA



## Agrinho

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa, em parceria com a Secretaria Municipal da Educação, ofereceu o curso de capacitação em Metodologia de Projetos para os professores da rede municipal de ensino, que estão participando do Programa Agrinho 2013. As aulas aconteceram nos dias 1º e 2 de abril. No primeiro dia participaram 27 professores e no dia 2 foram 25 participantes, entre eles professores da rede municipal, estadual e particular. A instrutora foi Ethiene Serrano Alves.

## ASTORGA



### Mulher Atual

O Sindicato Rural de Astorga, em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Astorga, deu início em 17 de abril à primeira turma do Programa Mulher Atual. O curso com 80 horas promove encontros semanais para despertar interesses e competências para novas áreas, por meio da percepção e compreensão das potencialidades femininas e com isso mostrar os melhores caminhos para conquistas na área do desenvolvimento socioeconômico. A turma com 21 produtoras e trabalhadoras rurais será orientada pela instrutora Maria de Fátima Bueno Bittencourt.

## SÃO JOÃO DO TRIUNFO



### Artesanato bambu

Desenvolver habilidades para confecção de objetos artesanais com bambu foi o tema do curso Artesanato de Madeira - artesanato em bambu -, oferecido pelo Sindicato Rural de São João do Triunfo. A capacitação foi realizada na comunidade de Guaiaca dos Pretos para um grupo de nove produtores e produtoras rurais. As aulas aconteceram nos dias 1 a 2 de abril com o instrutor Jefferson Luiz Pereira.

## ALTAMIRA DO PARANÁ



### Colhedoras

Uma parceria entre o Sindicato Rural de Campina da Lagoa e a Coamo de Altamira do Paraná viabilizou a realização, nesse município, do curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes - Regulagem de Colhedoras Automotrizes – Básico. O curso contou com a participação de 15 participantes entre eles produtores rurais sócios da Coamo e filhos de produtores. O instrutor do grupo foi Domingos Carlos Basso.

## PALMEIRA



### Mulher Atual

Entre os meses de março e maio ocorreu na comunidade de Vieiras, em Palmeira, mais uma turma do programa Mulher Atual. A instrutora do grupo de 24 moradoras da região foi Maria Edena Antoniet Doliveira. Motivadas pela capacitação e com o conteúdo de empreendedorismo, o grupo dará continuidade aos encontros semanais para formar uma associação voltada ao turismo rural, aproveitando o potencial já existente na região. A comunidade de Vieiras faz parte do roteiro religioso da região e conta com 14 capelinhas feitas de pedra, que contam a história de um imigrante português que viveu no Paraná. Estas construções compõem o Santuário do Senhor Bom Jesus do Monte.



## Cabelo no paletó

A mulher pega o paletó do marido e berra:  
 -- O senhor poderia me explicar o que significa esse cabelo louro na sua roupa?  
 E ele:  
 -- Significa que esse paletó não é lavado desde o tempo em que você oxigenava seu cabelo...



## Mineirin...

Suspreso com o salário que Neymar irá ganhar no barcelona, cerca de R\$ 54 milhões por ano, o mineirinho diz para a patroa:  
 - *Magine então quanto vai ganhá o Neybão!*

## Aumente o seu salário

- 1- Pegue a maior nota de seu salário;
- 2- Vá numa papelaria;
- 3- Mande AMPLIAR.



## Independência e grana

Não foi só o grito “Independência ou Morte” que garantiu a soberania do Brasil. Depois do grito de Dom Pedro que, segundo historiadores maledicentes, fizera uma parada às margens do riacho Ipiranga devido a uma diarreia, foram necessários três anos de diplomacia – e muitas libras – para que Portugal reconhecesse a nova condição da antiga colônia. O Tratado de Paz e Aliança, arranjado pela Inglaterra em 29 de agosto de 1825, definia que o governo brasileiro pagasse dois milhões de libras. Pagou e começou nossa dívida.



## Copo limpo

Dois sujeitos resolvem tomar uma cerveja no bar. Um deles recomenda ao garçom:  
 - Copo limpo, por favor! Dali a pouco, o garçom volta com uma cerveja e dois copos e pergunta:  
 - Qual dos dois pediu copo limpo?

## Acabe com a violência

Os romanos cravavam nas portas pregos arrancados dos sepulcros para afugentar de seus jardins malefícios e ladrões. Como hoje em dia, no Brasil, cemitérios têm pouco ou nenhum prego, pode ser uma solução nacional contra a violência e malefícios comprar uns pregos numa loja de construções e cravar na tua porta.



## Imagine na copa

O ladrão chegou em mim e disse:  
 - Give me the phone!  
 Então perguntei-lhe:  
 - E por que tá me assaltando em inglês?  
 Ele respondeu:  
 - Tô treinando pra copa...!

# Abra a mão, companheiro!

A soja foi bem? O milho também? E o feijãozinho? Sobrou umas quimeras? Ora, não seja pão duro, cause ciúmes nos vizinhos, e deixe a patroa feliz e faceira. Dá uma olhada no bóldo da foto – é o carro mais caro do mundo. Dizem que produtor rural tem desconto.



# Nepotismo internacional



Antigamente nem sempre os monarcas eram nascidos nos países que governavam. O Rei Jorge I, da Grã-Bretanha e da Irlanda, era na verdade alemão. Para piorar as coisas Jorge I não falava muito bem o inglês, se comunicando

sempre em alemão e se tornando motivo de piada entre os súditos. O Kaiser Guilherme II, da Alemanha; o Czar Nicolau II, do Império Russo e Jorge V, da Inglaterra, eram todos netos da inglesa Rainha Vitória.

## Mulheres

“Existem duas maneiras de tratar as mulheres. Até hoje ninguém descobriu quais são”.



## Fórmula do sucesso:

$$A = X + Y + Z$$

onde A é o sucesso, X é o trabalho, Y é a sorte e Z é calar a boca. (Albert Einstein)

## Ora, problemas...

Problema todo mundo tem. O problema é o que a gente faz com os problemas. Um bom começo é falar grego, porque foram os antigos gregos, há três milênios, que inventaram a palavra “problema”. E a tradução literal dela é “passar adiante”. Os gregos, sábios como eram, perceberam que problemas nunca são resolvidos, são apenas transferidos. Alguém sempre vai tentar empurrar um problema para você, quase certamente com a frase “Olha, temos um problema”, que é uma maneira plural de dizer que um problema que não era seu, passou a ser. Mas você, que já incorporou a sabedoria milenar dos gregos, terá a resposta pronta: “Não se preocupe, vamos resolver o problema imediatamente. Fale com Sicrano”. Pronto!

## As mais, mais... poluídas

Norilsk, na Rússia, é considerada a cidade mais poluída do planeta, em virtude da emissão de grande quantidade de níquel, cobre, chumbo e cádmio, além de platina e paládio. Outra cidade, também na Rússia, é Dzerzinsk, que libera substâncias químicas através da produção de armas químicas e exploração de minas.



# O KIT SOBREVIVÊNCIA DAS MULHERES

**Se você é homem e tem como característica a impaciência, teu inconsciente guardou pelo menos duas cenas em relação às bolsas das mulheres:**

**Cena 1** – Você tem pressa, está na fila da farmácia, quer pagar rápido, pegar os remédios mais rápido ainda... Mas tem aquela senhora, algo fora de forma, com uma grande bolsa marrom à sua frente. Ela mergulha a mão na barafunda que tem lá dentro em busca da carteira de dinheiro, esquecendo que a grana está no pequeno compartimento externo da bolsa comprada no 1,99. “Ai, meu Deus!”, murmura ela, “onde coloquei minha carteira?”. Quando ela paga e pega os remédios, em vez de puxar o carro, dar espaço, não! Vai guardando todas as bugigangas diante do caixa. Mas você não xinga, você é um cidadão educado, embora impaciente.

**Cena 2** – Lá vai você faceiro dirigindo pela primeira vez numa avenida sem congestionamento, exibido feito um pavão, tendo ao lado a patroa e sua imensa Louis Vuitton, recém-adquirida em Cidade de Leste. Então, toca o celular com aquele som que ela colocou para ficar diferente dos aparelhos das amigas. Longo, chato, irritante. E a patroa começa a escarafunchar naquela feira de artigos existentes na Vuitton paraguaia. Quando finalmente vai atender, a chamada é desligada. Logo, tuas penas de pavão, em seguida, ficarão alvoraçadas, porque vai tocar de novo.

Pois bem, bolsa é um objeto inseparável de mulher. A maioria delas não gosta de pó, sujeira, coisa fora do lugar em casa, mas não admite

que sua bolsa seja um verdadeiro exemplo da desordem.

Há todos os tamanhos, formas e cores, dependendo do lugar e as horas que serão passadas fora do lar, assim como da roupa que a acompanhará. Podem ser verdadeiras ou falsas... Vuittons, Cavaleras, Tritons ou merrecas compradas no camelô da esquina, importadas diretamente das melhores casas da rua 25 de Março, em São Paulo.

Mais que uma bolsa, elas consideram aquela coisa de napa, vinil, pano ou couro um verdadeiro kit de sobrevivência. Batom, o pente, o celular, o perfuminho, documentos, as chaves, lista do mercado, prendedor de cabelo, espelho, cortador de cutículas, caneta, caderninho de anotações, sombrinha, lixa de unha e outras...tudo cabe lá dentro.

A maioria não coloca nem por decreto a bolsa no chão, porque, garantem, é pedir para perder dinheiro. Mas outras fazem questão de colocá-las no chão, porque, dizem, é do chão que vem o ouro, os diamantes, o petróleo, a maioria dos alimentos. Riqueza, portanto.

Mas machismos à parte, volta e meia o “kit sobrevivência” delas salva a pele, as unhas, a cabeça do cidadão que é a sua cara-metade. Um cortador de cutícula, uma lixa pra unha e um melhoralzinho para dor de cabeça é encontrável no kit.

Há, porém, quem peça emprestado o vidrinho de base para as unhas, ou o espelinho esperto, mas aí é outra história...



SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)

#### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

#### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

#### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Responsável \_\_\_\_\_